



## O sagrado periférico: as disputas pelos usos devocionais e políticos da cidade de São Gonçalo pela Umbanda e a Folia de Reis

**Luiz Gustavo Mendel**

luizgmendel@gmail.com

Mestre em História Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense. Autor do livro: GIROS URBANOS. uma etnografia da festa do arremate da Folia de Reis no estado do Rio de Janeiro.

 <https://orcid.org/0000-0002-4820-5166>

**Camilla Fogaça Aguiar**

camillafogaca.pesq@gmail.com

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História Social vinculado à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGHS/UERJ) e financiada pela FAPERJ. Professora credenciada do Programa de Pós-graduação em Ensino de Histórias e Culturas Africanas e Afro-Brasileiras (IFRJ-SG).

 <https://orcid.org/0000-0001-5128-8428>

 10.28998/rchv14n27.2023.0008

Recebido em 15/05/2023

Aprovado em 15/06/2023



## **O sagrado periférico: as disputas pelos usos devocionais e políticos da cidade de São Gonçalo pela Umbanda e a Folia de Reis.**

### **RESUMO:**

A proposta deste texto é entender a cidade não pelo seu centro, mas pelas suas bordas, pelos usuários que transitam em suas margens. O caminho escolhido é a manifestação de práticas religiosas que dificilmente apresentam-se nos espaços centrais das cidades devido ao forte legado colonial que deixaram em suas raízes a intolerância religiosa e o racismo religioso. Neste quesito tanto os devotos dos terreiros de Umbanda quanto das Folias de Reis surgem como representantes exemplares de utilizadores das margens das cidades, que aqui serão compreendidas enquanto “margens do Estado”. Pois são nestes ambientes citadinos que a não presença do Estado revela-se como um projeto político, deixando brechas e fissuras no que tange à garantia do direito de ir e vir dos cidadãos e da liberdade religiosa. Mas é nestas mesmas brechas que os devotos se articulam para a garantia da manutenção de seus laços de fé e as ruas e os espaços marginais das cidades vão sendo reencantados pelo sagrado periférico.

**PALAVRAS-CHAVES:** Umbanda; Folia de Reis; Espaço Público.

## **The peripheralsacred: disputes over thedevotionalandpolitical uses ofthecityof São Gonçalo by Umbanda and the Folia de Reis**

### **ABSTRACT**

The purpose of this text is to understand the city not by its center, but by its borders, by the users who transit along its margins. The path chosen is the manifestation of religious practices that rarely appear in the central spaces of cities due to the strong colonial legacy that left religious intolerance and religious racism in its roots. In this regard, both Umbanda and Folias de Reis devotees are exemplary representatives of users on the margins of cities, which will be understood here as “Margins of the State”. For it is in these city environments that the non-presence of the State reveals it self as a political project, leaving gaps and fissures in terms of guaranteeing the right to come and go ofcitizens and religious freedom. But it is in these same gaps that devotees come together to guarantee the maintenance of their faith Bond sand the streets and marginal spaces of cities are being re-enchanting by the sacred periphery.

**KEY-WORDS:** Umbanda; Folia de Reis; Public Place.

## O município de São Gonçalo e o sagrado periférico

A proposta deste texto escrito a quatro mãos é compreender a cidade não pelo seu centro, mas pelas suas bordas, pelos usuários que transitam em suas margens. O caminho escolhido é a manifestação de práticas religiosas que dificilmente apresentam-se nos espaços centrais das cidades devido ao forte legado colonial que deixaram em suas raízes a “intolerância religiosa”<sup>1</sup> e o “racismo religioso”<sup>2</sup>.

Neste quesito tanto os devotos dos terreiros de Umbanda quanto das Folias de Reis surgem como representantes exemplares de utilizadores das margens das cidades. Pois são nestes ambientes citadinos que a não presença do Estado revela-se como um projeto político, deixando brechas e fissuras no que tange à garantia do direito de ir e vir dos cidadãos e da liberdade religiosa. Mas são nestas mesmas brechas que os devotos se articulam para a garantia da manutenção de seus laços de fé e as ruas e os espaços marginais das cidades vão sendo reencantados pelo sagrado periférico. Neste ponto, o que estamos apresentando neste texto são os usos políticos da devoção, usos estes que se manifestam a cada peregrinação cantada e tocada pelos devotos dos Santos Reis, a cada ebó arreado nas encruzilhadas para as entidades da Umbanda, a cada ato religioso que redesenha os bairros de uma cidade que tem em sua história o cristianismo como identidade assumida pelos principais líderes políticos e administradores municipais.

Os casos estudados encontram-se no município de São Gonçalo. A cidade pertence à Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro e é o segundo município mais populoso do Estado, com 1.044.058<sup>3</sup> habitantes. Essa é a configuração de uma cidade com moradores que alcançaram o índice de pobreza de 39,86% da população, de acordo com os índices do Censo de 2003 fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

---

<sup>1</sup>Iniciativas governamentais e pesquisas acadêmicas (Miranda, 2010; Vital, 2021) corroboraram com o uso “intolerância” ao nomear as agressões destinadas aos afroreligiosos como atos de “intolerância religiosa” e promover movimentos “contra a intolerância religiosa”, além da forma “*inter-religiosa*” de combate à intolerância permitir uma “*identidade comum a grupos religiosos historicamente diferentes*” (CAMURÇA; RODRIGUES, 2022).

<sup>2</sup>A noção de “racismo religioso” vem ganhando força a partir do final dos anos 2010, em decorrência do ativismo dos movimentos negros e seus “intelectuais orgânicos” presentes na academia. Os defensores da categoria “racismo religioso” entendem que os ataques às religiões afro-brasileiras *se circunscrevem dentro da mentalidade escravocrata/racista que quer manter padrões de moralidade e costumes restritos à cultura dominante branca e cristã que exclui tudo o que não estiver de acordo com ela* (CAMURÇA; RODRIGUES, 2022).

<sup>3</sup>Estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2016.

Além das questões da desigualdade econômica que atravessam o território desta cidade, São Gonçalo destaca-se por outro fenômeno, a multiplicação dos templos e dos devotos evangélicos pentecostais:

São Gonçalo, região que ocupa o quarto lugar entre as metrópoles brasileiras (não capitais) com maior percentual de denominações evangélicas pentecostais do país. Trata-se de um município, mas que nas últimas décadas, vem expandindo os espaços de atuação de uma população pentecostal que cresce cada vez mais nos censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (BAHIA, 2022, p.1)

O tratamento dado pela prefeitura de São Gonçalo às denominações religiosas ganha destaque quando há eficiência na aplicação das leis favorecendo as religiões evangélicas no mesmo período em que são sancionados decretos que diminuem os espaços das religiões afro-brasileiras.

A ex-chefe do executivo do município em questão, Aparecida Panisset<sup>4</sup> (2005-2012), é apontada por parte dos terreiros e veículos de notícia, como o Jornal Extra<sup>5</sup>, por se valer de argumentos religiosos contra adversários políticos; difamar as religiões afro-brasileiras; fazer leis e decretos a favor das denominações cristãs; decretar instituições religiosas como órgãos de utilidade pública, como o Ministério Nova Vida para as Nações, que se denomina “uma igreja empenhada em ganhar multidões para o reino celestial”; demolir praças para a construção de espaços litúrgicos; desalojar terreiros; dificultar a legalização dos templos afro-brasileiros; não impedir a demolição da antiga casa de Zélio de Moraes, local onde o Caboclo das Sete Encruzilhadas se manifestou pela primeira vez, considerada por alguns religiosos como o espaço de nascimento da umbanda no Brasil; entre outros (AGUIAR, 2022).

Já em 2021, o atual prefeito de São Gonçalo, Capitão Nelson (2020-atual), foi acusado de intolerância religiosa pela mídia e personalidades políticas<sup>6</sup>. As acusações faziam menção ao plano plurianual do município que destinava para a construção do museu da umbanda apenas 10% do que iria ser destinado aos museus cristãos”. Em

---

<sup>4</sup>Panisset foi vereadora (1996-2001) do município pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT) e deputada estadual (2002-2004) do Rio de Janeiro pelo Partido Progressista Brasileiro (PPB), tendo assumido a prefeitura de São Gonçalo por dois mandatos seguidos (2005-2008, pelo Partido da Frente Liberal – PFL, e 2008-2012 pelo Democratas – DEM).

<sup>5</sup> GOMES, Antero. Aparecida Panisset: A Prefeita que adora uma guerra santa. Extra. 8 de outubro de 2011. Notícias. Disponível em: <http://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/aparecida-panisset-prefeita-que-adora-uma-guerra-santa-2734123.html>. Acesso em: 1 nov. 2015

<sup>6</sup> Eliane Maria, Erick Rianelli e Jefferson Monteiro. São Gonçalo destina R\$ 1 milhão para museus católico e gospel e R\$ 10 mil para o da umbanda. G1, Rio de Janeiro. 26/11/2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/11/26/sao-goncalo-verba-museus-religioes.ghtml>. Acesso setembro 2022.

resumo: de cerca de dois milhões e dez mil na previsão orçamentária, somente dez mil foi destinado para a construção de um museu para a umbanda.

A exposição e exploração destes fatores são de suma importância para compreendermos os enfrentamentos que os terreiros de Umbanda e as Folias de Reis realizam para o cumprimento de suas devoções no solo do município. Ainda mais uma cidade que tem em sua Câmara Municipal e Prefeitura representantes políticos declaradamente evangélicos, ao mesmo tempo que, para algumas lideranças de terreiro, se configura como o berço da umbanda no Brasil<sup>7</sup>.

### Uma devoção política pelas margens do Estado

Entendemos as Folias de Reis e a Umbanda enquanto devoções marginais, pois elas operam nas margens, nas brechas do Estado, agindo através de seus rituais e suas relações territoriais com o divino. São circuitos rituais praticados e que dão os mais variados contornos à cidade, principalmente em suas periferias. Neste quesito, o conceito de “margens do Estado” (DAS; POOLE, 2008) é a nossa principal ferramenta teórica para compreender como práticas devocionais se estendem para além de uma promessa com os santos ou uma tradição familiar religiosa. Para Das e Poole (2008), as “margens do Estado” se manifestam nas bordas sociais e territoriais através de ações “*cómo las prácticas y políticas de vida en estas áreas moldean las prácticas políticas de regulación y disciplinamiento que constituyen aquello que llamamos “el estado”*”<sup>8</sup>.” (DAS; POOLE, 2008, p. 19).

As práticas devocionais assumem um caráter político, pois reivindicam o direito de ir e vir pelas ruas das cidades, além dos usos do espaço público das praças e terreiros. No caso da Umbanda, existe uma relação ainda mais dramática, pois o espaço privado dos terreiros e das casas das lideranças religiosas se torna alvo da violência da intolerância religiosa e do racismo religioso. A inviolabilidade da propriedade privada é radicalmente transgredida pelos fundamentalistas religiosos, que atacam e destroem os templos afro-

---

<sup>7</sup> A discussão acerca da gênese da umbanda é diversa tanto entre os adeptos da religião como entre pesquisadores especializados no tema (BROWN, 1985; GIUMBELLI, 2002; ORTIZ, 1991; RODHE, 2009). O mito de origem refere-se à primeira incorporação, por Zélio de Moraes, em 1908, do espírito Caboclo das Setes Encruzilhadas. Ele o teria orientado a fundar sete tendas (terreiros), com a finalidade de propagar a umbanda. As tendas foram instaladas no Rio de Janeiro, entre 1930 e 1937 (BAHIA, AGUIAR, NOGUEIRA, 2022).

<sup>8</sup> Respeitando a grafia do texto de Das e Poole, a palavra Estado será grafado em letra minúscula apenas nas citações das autoras.

brasileiros, avolumando os inúmeros registros de denúncias pelos canais de atendimento e fazendo crescer a sensação de impunidade nas vítimas (COSTA, 2023).

Para as Folias de Reis as questões relacionadas aos direitos humanos não correspondem a ataques direcionados aos espaços delimitados para liturgia, como os terreiros, mas à garantia da integridade física e moral de seus integrantes, pois os circuitos rituais dos foliões ocorrem em zonas e em períodos liminares, nas periferias das grandes cidades, durante a madrugada dos fins de semana. Nestes intervalos não há possibilidade de deslocamento garantido pelo Estado devido a diminuição ou encerramento das linhas de ônibus. Além da falta de policiamento nos circuitos realizados pelos peregrinos.

Tanto os devotos da Umbanda quanto os dos Santos Reis estão expostos às fragilidades das brechas do Estado. Veena Das e Debora Poole fornecem-nos três concepções frutíferas para entendermos a complexidade enfrentada pelos devotos:

*[...] en primer lugar, como las periferias o territorios en los que el estado aún debe penetrar; en segundo lugar, como “aquellos espacios, formas y prácticas a través de los cuales continuamente el estado es tanto experimentado como deshecho en La ilegibilidad de sus propias prácticas, documentos y palabras”; y, finalmente, como “el espacio entre los cuerpos, La ley y la disciplina”. (ASAD, 2008, p. 53)*

A questão que estamos trazendo aqui não é a ausência do Estado em determinadas regiões da cidade, pois até mesmo a ausência do Estado faz parte da estratégia de policiamento e vigilância dos corpos de seus cidadãos. A presença ostensiva de determinados aparelhos burocráticos em regiões centrais e sua ausência em periféricas revelam muito a territorialidade do Estado e suas margens.

Veena Das e Deborah Poole entendem as margens através de sua ambivalência, são espaços de exceção e de criatividade, mas são espaços de criatividade justamente por ser uma zona de exceção, pois é nas áreas de ausência da ação disciplinar do Estado que os moradores da periferia se articulam para serem usuários das cidades:

*Paradójicamente, es en estos espacios de excepción donde la creatividad de los márgenes es visible; es aquí donde formas alternativas de acción económica y política son instituidas. Sugerir que los márgenes son espacios de creatividad no es decir que las formas que adquieren la política y la economía en estos, las cuales generalmente son formadas por la necesidad de sobrevivir, no estén cargadas de terribles peligros (DAS; POOLE, 2008, p. 34).*

Neste artigo, expandimos a noção de “margens do Estado” para além das articulações políticas, sociais e econômicas, a devoção se torna uma esfera fundamental para a compreensão dos usos da cidade. Pois será através da relação com o sagrado que seus cidadãos vão reivindicar a garantia de seus direitos de segurança de suas casas e

terreiros, o direito de ir e vir e gozar a possibilidade de circular pelas ruas das cidades. Ressaltamos a importância da cosmologia da Umbanda e da Folia de Reis, pois as articulações devocionais e políticas são a concretização de cada luta e cada conquista reafirmando aliança entre os devotos e as divindades. Tal como Exu que faz a roda do mundo girar para reorganizar um mundo violento e opressor, a bandeira de Reis vai à frente de seus fiéis abrindo caminho para distribuir benção entre seus anfitriões e a manutenção de seu rito.

### **O Marco Zero da Umbanda em uma cidade predominantemente pentecostal<sup>9</sup>**

Os povos tradicionais<sup>10</sup> continuaram liderando como vítimas das estatísticas de violações dos direitos humanos no Brasil, sendo o Rio de Janeiro o segundo estado com mais violações voltadas a declarantes candomblecistas e umbandistas, em sua maioria mulheres e pretas. Os dados também apontam para o perfil do suspeito, cristão, do sexo masculino e líder religioso<sup>11</sup>.

Em São Gonçalo, algumas lideranças de terreiro associam o crescimento do pentecostalismo nos anos 2000 com o governo de Aparecida Panisset (AGUIAR, 2018). No processo eleitoral de 2004, ela teve como principal adversária para o pleito da prefeitura de São Gonçalo uma colega da Alerj (Assembleia Legislativa do estado do Rio de Janeiro), Graça Matos (PMDB), que contava com o apoio da ex-governadora Rosângela Matheus e do então presidente estadual do partido, Anthony Garotinho. À época, jornais com fotos da candidata em rituais de umbanda foram distribuídos, numa tentativa de confundir os eleitores evangélicos no município. Panisset garantiu 51,95% dos votos no primeiro turno do pleito, e em 2008, ganhou a reeleição com 56% dos votos, o correspondente a 170 mil votos a mais que sua concorrente direta e segunda colocada,

---

<sup>9</sup> Termo utilizado para descrever um conjunto de seitas religiosas que proliferou particularmente entre os negros do Caribe, Estados Unidos e Inglaterra. Em termos de doutrina, os cultos giram em torno do Dia de Pentecostes citados em Atos dos Apóstolos, 2:1-2. (CASHMORE, 2000, p.413). Segundo Mariano (2004), o pentecostalismo é uma variação do protestantismo histórico, mas sua peculiaridade está em pregar a crença na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, entre os quais se destacam os dons de línguas (glossolalia), a cura e o discernimento de espíritos, e por defender a retomada de crenças e práticas do cristianismo primitivo, como a cura de enfermos, a expulsão de demônios, a concessão. Temos como exemplo de denominações pentecostais Congregação Cristã no Brasil, Assembleia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil Para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção, entre outras.

<sup>10</sup> Segundo Renata Corrêa Vieira “a definição da categoria de povos e comunidades tradicionais, no Brasil, não possui um consenso. A construção dessas identidades coletivas é fruto de um processo complexo de sociogênese de grupos sociais que, uma vez ameaçados em seu modo de vida e em seus territórios, se unem para reivindicar direitos perante o Estado.” (CORRÊA VIEIRA, 2020, p.40).

<sup>11</sup> Disponível em: [https://www.gov.br/mdh/pt-br/ondh/paineldedadosdaondh/copy\\_of\\_dados-atuais-2021](https://www.gov.br/mdh/pt-br/ondh/paineldedadosdaondh/copy_of_dados-atuais-2021). Acesso em: 22 de set. 2021.

Graça Matos. Na reeleição, em 2008, o discurso de vitória de Aparecida Panisset destacava o quanto o povo evangélico a ajudou na “guerra” contra os demais candidatos e a importante participação dos pastores ao mobilizar e cativar eleitores<sup>12</sup>.

Porém, o crescimento do pentecostalismo no município pode ser identificado antes mesmo de Aparecida Panisset. A partir da década de 1970, entrelaçado ao contexto de dificuldades econômicas do município e ao processo institucional da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), as lideranças de terreiro também apontam para o aumento dos casos de disputa religiosa entre pentecostais e afro-brasileiros (GOMES, 2004).

Gomes (2004) afirma que, ao mesmo tempo em que a IURD apresenta uma íntima relação com o candomblé e a umbanda, como a possessão<sup>13</sup> e presença de divindades do panteão afro-brasileiro em seus cultos, a partir das construções das catedrais, ela marca o início de uma “era” em que busca se diferenciar dessas religiões. Por meio de uma linguagem mais distante dos referenciais encontrados nos terreiros, as divindades afro-brasileiras serão caracterizadas pelo aspecto maléfico em rituais de exorcismos nas igrejas iurdianas. Assim, o candomblé e a umbanda serão incorporados no cotidiano da IURD como práticas malignas, representando-se a constante luta entre o “bem” e o “mal”, “deus” e os “demônios” (GOMES, 2004, p.170).

Diante do impacto evangélico na política e crescimento das denúncias de intolerância religiosas, as lideranças de axé do município vão propor formas de resistências baseadas na retórica racial e espiritual buscando fortalecer uma identidade espiritual negra. Apontando assim certa aproximação identitária com a retórica que podemos encontrar nos movimentos negros, uma vez que, estes consideram a “intolerância religiosa” contra povos tradicionais de terreiro a “outra face do racismo” (SIQUEIRA, 1997).

Segundo Mariana Morais (2021), a partir dos anos 2000, atos como passeatas públicas, ações pela via judicial, busca de alianças junto a parlamentares ditos progressistas, e a atuação no âmbito governamental via políticas pública, como a Política

---

<sup>12</sup> PANISSET, Aparecida. Discurso de comemoração da vitória nas eleições de 2009. São Gonçalo, 2008. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mjeOZ8enU8E&t=5s>. Acesso em: 10 maio 2018.

<sup>13</sup>O termo “possessão” é empregado como categoria nativa (HARTUNG, 2013) para indicar o domínio das religiões afro-brasileiras sobre o importante léxico da possessão e dos usos corporais, que será posteriormente ressignificado no campo pentecostal. (SILVA, 2007).

Nacional de Promoção da Igualdade Racial (PNPIR), começaram a fazer parte do cotidiano dos afrorreligiosos que buscavam reação aos ataques evangélicos.

Um exemplo dessas articulações entre lideranças de terreiro, movimentos sociais e política institucional é o surgimento da candidatura do umbandista Wagner Machado<sup>14</sup> para vereador do município, em 2020. Utilizando a alcunha “Waguinho Macumba”, o candidato buscava resgatar o prestígio do seu pai, conhecido como Enilton Macumba entre os religiosos e moradores de São Gonçalo, e se destacar como candidato das religiões afro-brasileiras do município.

Objetivando continuar com as funções do centro e defender seu terreiro desses estigmas racistas, Waguinho afirma que foi necessário entrar na política e surgir como candidato a vereador. Para ele, é preciso mais que candidatos que aparecem nas casas de axé apenas no período eleitoral, trocando voto por “cerveja para festa”, é necessário haver união entre as lideranças de terreiro e entre os terreiros de umbanda e candomblé.

O principal empreendimento de campanha divulgado amplamente nas redes sociais de Waguinho Macumba foi o Marco Zero Umbanda. O projeto tem por objetivo demarcar a Praça de Neves como um espaço de memória voltado à celebração do nascimento da umbanda, fundada por Zélio Fernandino de Moraes, em São Gonçalo. A antiga Praça de Neves localiza-se exatamente ao lado da rua onde, até 2011, havia a estrutura da casa de origem da umbanda. O Marco Zero da Umbanda começou a ser idealizado em 2011, a partir da derrubada da antiga casa de Zélio, mas foi concretizado durante a semana da Umbanda, em novembro de 2019.

Para Waguinho, o Marco Zero consiste em alterar o nome da “Praça de Neves” para “Praça Zélio Fernandino de Moraes”, construir no local um monumento, um busto do sacerdote que “anunciou a religião brasileira”, e desenvolver ações conjuntas entre os municípios de São Gonçalo e Niterói, visando à consolidação do Projeto e o registro da umbanda como “religião brasileira e patrimônio cultural imaterial das duas cidades”, estabelecendo um calendário de eventos e ações online e presenciais. Waguinho

---

<sup>14</sup> Waguinho é líder do terreiro de umbanda “Centro Espírita Xangô das Almas”, fundado por seu pai consanguíneo, Enilton Machado, no Bairro Mutuá, em 1994. Waguinho atua como diretor social e integrante da Comissão de Combate a Intolerância Religiosa, ambos pela União Espiritualista de Umbanda e Afro-brasileira do estado do Rio de Janeiro (UEUAERJ); diretor nacional de cultura do Conselho Nacional de Umbanda (CNU); integrante do Conselho de Igualdade Racial de São Gonçalo (COMIRG); administrador na Coordenadoria Municipal de Promoção da Igualdade Racial de São Gonçalo; tesoureiro e dançarino na Companhia As de Ouro; membro atuante do Movimento Negro Unificado (MNU), atualmente participa das reuniões como delegado do MNU-Niterói, RJ; membro da Coordenadoria Municipal de Assuntos Religiosos de São Gonçalo; um dos autores do projeto “Marco Zero da Umbanda”; detentor do título de Cidadão Benemérito Gonçalense, entre outros.

Macumba ressalta em seu discurso que pretende construir uma memória religiosa municipal e atrair notoriedade política vinculada à sua fé, destacando que “será o candidato que vai lutar pelo reconhecimento histórico que o povo de terreiro tem não só no município, mas na formação nacional”.

Leonardo Mattos<sup>15</sup>, um dos principais membros do núcleo e da campanha de Waguinho, afirma que o Marco Zero da Umbanda é uma referência ao Marco Zero de Recife, de São Paulo e de outros lugares, sendo o início da cidade, o ponto onde a cidade foi fundada, sua origem. Em 2019, Claudio Rocha (PSDB), vereador de São Gonçalo, levou o Projeto Marco Zero da Umbanda para discussão na Câmara Municipal. No mesmo ano, ele foi votado em plenário, aprovado e sancionado pelo prefeito José Luiz Nanci (Cidadania).

Em 2020, as mídias internacionais estavam dedicadas a noticiar ações como o movimento *Black Lives Matter*, que tinha por objetivo inicial dar visibilidade à discriminação racial e à violência policial nos EUA, mas conquistou proporções internacionais, como a criação de uma fundação disposta a filiar organizações contra o racismo pelo mundo, chamada *Black Lives Matter Global Network*. Nesse cenário, Waguinho se encontra nas praças públicas do município apresentando o Marco Zero da Umbanda e enfrentando reações de evangélicos locais. Em uma dessas ocasiões, um homem, com a bíblia na mão, tenta expulsá-lo da Praça de Neves aos gritos, “Você irá para o inferno!”. Essa cena vai compor, ainda em 2020, a capa do *The Seattle Times*, *ABC NEWS*<sup>16</sup>, como símbolo do crescimento das candidaturas afroreligiosas no Brasil.

Com o título “*Afro-Brazilian religious Leaders run for Office*”, a matéria do jornal online *The Seattle Times*, assinada pelo jornalista Marcelo Silva de Sousa, foi publicada em 12 de novembro de 2020, no mesmo ano do assassinato brutal de George Floyd, nos EUA. A notícia é lançada não só em meio à consequente revolta de parcela da população estadunidense contra a violência racista policial e explosão do movimento *Black Lives Matter*, mas às vésperas das eleições municipais no Brasil.

---

<sup>15</sup> Leonardo Mattos é professor de geografia, formado pela Universidade Federal Fluminense (UFF), com especialidade em políticas urbanas. É responsável pela pasta de Ciência e Tecnologia do Conselho Nacional de Umbanda e atua como um dos articuladores principais da campanha eleitoral de Waguinho Macumba. Informações retiradas do Canal de Waguinho Macumba no YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=83TOSoNhZ5Y&t=84s>. Acesso em: 14 set. 2021.

<sup>16</sup> SOUSA, Marcelo Silva De. AP PHOTOS: Afro-Brazilian religious leaders run for office. *The Seattle Times*. 12 de Nov. 2020. Disponível em: <<https://abcnews.go.com/International/wireStory/ap-photos-afro-brazilian-religious-leaders-run-office-74173074>>. Acesso setembro 2022.

Mesmo não conseguindo a quantidade de votos suficientes para ocupar o cargo de vereador do município de São Gonçalo, recebendo apenas 174 votos<sup>17</sup>, Waguinho Macumba continua a campanha eleitoral para 2024. O futuro candidato está envolto com a construção de outros espaços de memória para a cidade, além de se manter politicamente atuante com ações conjuntas com a Coordenadoria de Assuntos Religiosos do Município<sup>18</sup>.

As ações de Waguinho Macumba e as artimanhas de Panisset para conquistar o pleito de 2004, evidenciam como as atividades religiosas realizadas em lugares públicos, praias, matas, cachoeiras, ruas, entre outros, deixam os povos de axé mais expostos aos ataques intolerantes que podem acontecer, desde a simples distribuição de panfletos contra esses cultos até a tentativa de interrupção forçada dos rituais (V. G. da SILVA, 2007, p. 218). Outro fator de concorrência entre pentecostais e as religiões afro é a “incorporação” de práticas comuns encontradas nos terreiros, como o acarajé e a capoeira, dissociadas das suas relações com as religiões afro-brasileiras e “incorporadas” nas práticas evangélicas.

Em 2015, a ialaxé de São Gonçalo, Bianca D’Xangô<sup>19</sup>, narra a visita de um homem ao projeto social desenvolvido pelo seu terreiro, o Projeto Cardume (AGUIAR, 2018). Segundo Bianca, declarando-se evangélico, o homem pediu para participar das rodas de capoeira, pois tinha o interesse em aprender o jogo e levá-lo à sua denominação com a alcunha de “Capoeira de Jesus”. Bianca relata ter questionado o homem interessado nas aulas de capoeira sobre a denominação “Capoeira de Jesus” e fez comentários reprovando a prática com a denominação cristã. Após o pedido de participar da capoeira e a reação

---

<sup>17</sup> Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/eleicoes/2020/candidatos/rj/sao-goncalo/vereador/waguinho-macumba,45777>>. Acesso junho 2022

<sup>18</sup> A Coordenadoria de Assuntos Religiosos de São Gonçalo foi criada no segundo semestre de 2021, está diretamente subordinada à Secretaria de Assistência Social, vinculada à Subsecretaria de Proteção Especial e se apresenta como um espaço institucional, criado com o objetivo de dialogar com os assuntos relacionados às religiões presentes no município de São Gonçalo. O responsável pela Coordenadoria é Carlos André Ferrugem, conhecido na câmara municipal como Pastor Ferrugem.

<sup>19</sup>Bianca D’Xangô é ialaxé - cargo de zeladora dos axés, cuida do terreiro e dos filhos de santo da casa, providenciando limpeza, colocação de comidas, entre outras atividades- de um terreiro localizado no bairro do Rocha, município de São Gonçalo. O terreiro é misto, ou seja, trata-se de um "espaço híbrido" por apresentar atuação conjunta em umbanda e candomblé. A tenda de umbanda é a mais antiga, fundada em 1964, tendo completado recentemente cinquenta e oito anos, e recebido o nome de Tenda Espírita de Caridade João de Benguela. Já o terreiro de candomblé, Casa de Xangô: Ilê Iputi Baba Baru, tem cinquenta anos, sua fundação data de 1972. A casa é Ketu de origem Axé Opô Afonjá - Rio de Janeiro. Bianca também é a principal idealizadora do Projeto Cardume.

desconfiada de Bianca, o homem não retornou ao Projeto Cardume para frequentar as aulas.

Os grupos de capoeira que possuem mestres evangélicos acabam não reforçando em sua prática determinados aspectos ligados aos cultos afro-brasileiros (CID, 2017). A modificação estrutural de algumas letras para adaptá-las à religião evangélica descaracteriza os fatos históricos quando retira da letra seus ensinamentos, e não permite mais acessar os códigos simbólicos afro-brasileiros. Nesse complexo jogo de “esquecimentos e lembranças”, os evangélicos capoeiristas aparecem como parte da tensão que disputa definir as identidades, ocupar no presente ou no futuro lugares sociais e conquistar fiéis, podendo resultar “na instauração de um ambiente religioso fortemente tensionado, e mesmo violento” (REINHARDT, 2006, p. 73).

Por parte das Folias de Reis, os mestres e demais foliões reclamam do fato da conversão evangélica de muitos dos seus devotos. O movimento religioso evangélico pentecostal tem como premissa o abandono da vida antiga e o início de uma nova, desta forma, muitos devotos anfitriões fecham as portas de suas residências, dando fim à uma parada para cantoria da peregrinação. As folias também sofrem com a ausência dos instrumentistas convertidos à nova fé. Mesmo assim, a base familiar dá estrutura para a continuidade das práticas religiosas dos foliões.

### **Os giros sagrados pela margem do Estado**

As Folias de Reis são grupos rituais que trazem em sua devoção a prática de peregrinar em meio às bordas das cidades. São nas periferias que os foliões fazem seus cortejos cantados, pedindo licença aos devotos anfitriões para entrar em suas casas, cumprindo suas promessas divinas junto aos santos. Suas saídas rituais são denominadas de “giros ou jornadas”, basicamente é a missão sagrada deixada pelos três Santos Reis Magos para os seus devotos anunciarem o nascimento do menino Deus. Os foliões são grupos de homens e mulheres das mais variadas idades, tocadores e cantadores que realizam as suas jornadas rituais entre os dias 24 de dezembro e dia 6 de janeiro, a epifania dos Santos Reis. Nesse período os foliões trajam suas indumentárias, as fardas, manuseiam seus instrumentos e iniciam uma peregrinação sagrada no período da madrugada.

As folias são extremamente hierarquizadas, elas são organizadas e regidas pelo mestre que detém o conhecimento cosmológico da prática religiosa, o “fundamento”. Em

suma, é o arcabouço teórico que sustenta cada elemento de toda a estrutura do ritual (BITTER, 2010; CHAVES, 2009; PEREIRA, 2009; SOUZA, 2020), além de ser a base para os versos cantados e improvisados pelos mestres e contramestres, as “profecias”. Ao lado do mestre encontra-se o contramestre, o segundo na escala de liderança, também detentor da cosmologia e principal mantenedor das cantorias. À frente do cortejo está a bandeireira, a devota responsável por empunhar o símbolo máximo da folia (BITTER, 2010), a bandeira dos Santos Reis. As bandeiras são estruturas de madeira em formato de estandarte, ornadas com fitas coloridas e tecidos trabalhados artesanalmente. Em seu interior encontram-se imagens dos santos adorados pelos devotos. A presença dos santos como Sagrada Família, os Santos Reis Magos, São João menino, São Jorge, dentre outros, é a materialização da “combinação de devoções” (MENEZES, 2004, p. 202), a soma da potência dos santos e a possibilidade de retribuir as dádivas divinas e ser agraciado pelas bênçãos das divindades (MAUSS, 2003). Em suma, a bandeira é o santo que é levado pela peregrinação cantada para distribuir as bênçãos entre seus anfitriões junto à boa nova; neste mesmo ritual tem-se a possibilidade da circulação dos demais santos e suas devoções.

Os devotos instrumentistas ficam dispostos em duas filas indianas como em uma marcha militar. Seus toques são regidos e ministrados pelo mestre, que inicia sua cantoria para os pedidos de licença para entrar nas casas, caminhar em seu interior para abençoar o lar e depositar a bandeira na sala; logo após a ceia, é realizada a retirada do santo da residência para que prossiga na jornada junto a seus promesseiros. Além destes integrantes, há um personagem que sobressai por se diferenciar dos demais, o palhaço de reis. Ele é a personificação dos soldados de Herodes que perseguiram os Santos Reis a Sagrada Família para matar o menino Jesus, mas que se perderam no meio do caminho. Segundo o fundamento da folia, os soldados se arrependeram de tentar matar a criança divina e nos dias de hoje eles são os protetores das bandeiras de Reis. Os palhaços utilizam roupas coloridas que destoam das demais fardas. Outro elemento que dá um destaque especial para este personagem é a sua máscara, que ostenta chifres e dentes de animais, além de sua estrutura de couro ou espuma.

Na Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro as Folias de Reis assumem uma característica própria para cumprir suas promessas, elas saem nos fins de semana no período da madrugada. Devido a que muitos devotos foliões e anfitriões trabalham e se veem impedidos de realizar os giros de doze dias consecutivos, como ocorre nas regiões

rurais, as peregrinações sagradas ocorrem nas madrugadas de sábado para domingo. Outra característica importante é a extensão da epifania dos Santos Reis até o dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião, santo padroeiro da cidade do Rio de Janeiro e santo de devoção da maioria dos foliões.

Este universo devocional será pautado no caso do senhor Antônio José da Silva, o Mestre Fumaça, e suas articulações para os circuitos da folia na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro (SOUZA, 2020). Ele é mestre e dono da Bandeira Nova Flor do Oriente, que realiza seus giros pelo município de São Gonçalo e pelas cidades da Região Metropolitana desde o final dos anos 70. Mestre Fumaça é um dos mestres mais antigos e é reconhecido por muitos foliões não apenas da Região Metropolitana, mas de todo o Estado do Rio de Janeiro.

As saídas das folias são muito onerosas para o mestre e seus foliões, tanto que os giros são planejados e negociados meses antes dos festejos natalinos. Os locais de convites para a realização das visitas são em festas de encontros de folias, como as festas do arremate<sup>20</sup>, eventos realizados pelas prefeituras e clubes que convidam os devotos para apresentações em dias especiais – como o dia do folclore. Nestes espaços de sociabilidade os mestres são procurados para fornecerem seus contatos para possíveis negociações dos giros.

Como as peregrinações são realizadas no período da madrugada, muitas das linhas de ônibus do município já encerraram o seu expediente, o que denota a inexistência de um interesse do Estado em fornecer o direito básico de ir e vir a determinados cidadãos. Nesta “margem do Estado” os devotos precisam criar mecanismos de ação para o deslocamento dos promesseiros pelas ruas dos bairros das periferias. Em outros trabalhos já foi discutido sobre as articulações dos mestres e seus anfitriões para este processo de deslocamento entre as “margens do Estado” (SOUZA, 2019; 2020; 2020b; 2023), a chave analítica que utilizamos para compreender os agenciamentos dos devotos em meio as zonas de risco da cidade são as “táticas” de Certeau:

Em suma, a tática é a arte do fraco. [...] Quanto maior um poder, tanto menos pode permitir-se mobilizar uma parte de seus meios para produzir efeitos de

---

<sup>20</sup> Trata-se de grandes eventos festivos nos quais há uma ampla redistribuição dos donativos ofertados pelos devotos no período dos giros em forma de uma celebração, permeada pela festa de rua com carros de som e barraquinhas de comida e bebida organizadas pelos comerciantes, envolvendo rituais religiosos e comensalidade. O arremate é organizado pelo mestre, seus familiares e foliões. Tais comemorações permitem a confluência de espaços de sociabilidade entre as folias de reis do estado do Rio de Janeiro. Para tal, eles convidam outros grupos de foliões e redistribuem todos os ganhos recebidos nos giros daquele ano. No fundamento, a festa do arremate representa a entrega da bandeira e de todos os ornamentos e instrumentos para a finalização das saídas das folias a cada ano. (SOUZA, 2020, p. 234)

astúcia: é com efeito perigoso usar efetivos consideráveis para aparências, enquanto esse gênero de “demonstrações” é geralmente inútil e “a seriedade da amarga necessidade torna a ação direta tão urgente que não deixa lugar a esse jogo”. O poder se acha amarrado à sua visibilidade. Ao contrário, a astúcia é possível ao fraco, muitas vezes apenas ela, como o “último recurso”: “Quanto mais fracas as forças submetidas à direção estratégica, tanto mais estará sujeita a astúcia”. Traduzindo: tanto mais se torna tática (CERTEAU, 2011, p. 95).

No caso das Folias de Reis, as “táticas” são as articulações entre os mestres com os motoristas dos ônibus fretados para a realização do deslocamento dos foliões e seus instrumentos. Para isso, os mestres têm uma rede de contato de motoristas particulares que são acionados para os circuitos mais distantes da sede<sup>21</sup> da folia. Já dentro da cidade há uma negociação com os transportes informais que operam no período da madrugada.

Quando não há possibilidade de negociação entre o mestre e os motoristas inseridos nas redes de sociabilidade das folias, pois estas viagens acabam sendo muito custosas para o bolso dos foliões, eles precisam apelar para o transporte público e o transporte informal.

Nesse caso, há a elaboração de outra “tática” utilizada pelo mestre, que se dá no momento da negociação entre Fumaça e os motoristas dos transportes informais, chamados genericamente de vans ou kombis<sup>22</sup> pelos moradores do Rio de Janeiro. Esses veículos operam clandestinamente pelos municípios em qualquer horário, mas, no período da madrugada, eles se tornam um recurso imprescindível<sup>23</sup>. Os foliões ficam no ponto de ônibus e esperam uma van que esteja sem passageiros para então negociar um trajeto viável a fim de que possam realizar sua jornada. É de fato uma negociação, pois, mesmo operando na informalidade, as vans são fiscalizadas por uma rede de transporte coletivo alternativo, não permitindo que qualquer pessoa se estabeleça sem antes criar alianças com essa rede. Devido à fiscalização informal, isso faz com que a negociação entre o motorista e o mestre seja uma transação perigosa, e essa relação faz com que o motorista estabeleça um valor fechado em dinheiro, que em muitas vezes ultrapassa o valor da passagem comum por cada passageiro. Um exemplo disso foi uma conversa que tivemos em meio à transação com o mestre e o condutor:

---

<sup>21</sup> Locais onde ficam todos os instrumentos e fardas das folias, inclusive a bandeira de Reis. Geralmente são as casas dos mestres e/ou donos das folias.

<sup>22</sup> Esses nomes referem-se a dois modelos de carros que comportam de quinze a vinte passageiros e são muito utilizados para a realização de transporte informal nas cidades do estado do Rio de Janeiro.

<sup>23</sup> Em 2015, o Tribunal de Justiça do estado do Rio de Janeiro pressionou a Prefeitura Municipal de São Gonçalo para tornar ilegal o serviço de transporte de vans, pois o decreto municipal 160/2014 contrariava o sistema de concessão de transporte público em vigor. Desde então, os serviços fornecidos pelas vans tornaram-se ilegais. Ver: <http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-05-06/tj-da-48-horas-para-prefeitura-de-sao-goncalo-proibir-transporte-alternativo.html>. Visto em: 26/04/2023.

Um dia eu vim de uma determinada região, pois havia entregue um material lá e, para fazer um dinheirinho, coloquei no para-brisa do carro uma plaquinha dizendo que eu estava fazendo uma viagem para São Gonçalo. No meio do caminho eu fui abordado por uns homens estranhos em uma moto que me perguntaram o porquê que eu estava fazendo aquela viagem. Eu expliquei minha situação e então eles me disseram para que retirasse a placa e só levasse quem estivesse na van e não pegasse mais ninguém. Eu fiz isso tudinho e depois disso nunca mais fiz outra viagem dessas.

Esse relato é relevante para mostrar o poder de coerção de que a rede de transporte informal goza nessas regiões. Esse tipo de relato é muito comum, sendo acionado no momento da transação para informar do perigo de mudarem a trajetória das vans.

As “táticas” são mobilizadas através de conversas informais, mas a inclinação em aceitar e estabelecer um valor fechado revela o quanto essas práticas são comuns no período da madrugada; além do mais, uma viagem com todos os foliões e seus instrumentos lotaria o veículo.

Esse é o exemplo que escolhemos para desenvolver um debate sobre as possibilidades de atuação dos indivíduos em meio a estruturas complexas que operam na cidade. É uma análise micro de um evento social, porém proporciona o entendimento macrossocial das articulações que ocorrem dentro dos territórios periféricos, podendo ser aplicados em outros contextos, pois este é um assunto que envolve a maioria dos grandes centros urbanos. É dentro das brechas do poder público que os grupos de transporte informal operam, mas, para que estes possam se estabelecer em regiões periféricas, é necessário o desenvolvimento de uma articulação ilegal. Neste caso, apropriamo-nos mais uma vez das categorias de análise de Michel de Certeau para compreender como estes grupos informais trabalham nas “margens do Estado” (DAS; POOLE, 2008), articulando-se através de “táticas” ilegais aliadas aos meios coercitivos e violentos proporcionados pelas alianças feitas com o comércio de drogas. Através do amparo prestado pelo tráfico de drogas<sup>24</sup>, esses grupos constituem-se organizando suas rotas, fornecendo transporte informal nas regiões periféricas da cidade, sendo conhecidos como a máfia das vans. Essa denominação denota o caráter estruturado e hierárquico que esses grupos têm. Como os exemplos citados anteriormente, existe toda uma vigilância realizada por fiscais munidos de motos espalhados estrategicamente pela cidade. Os centros de administração de onde saem as vans são conhecidos como ponto final. Os pontos das vans são os mesmos pontos

---

<sup>24</sup> Escolho tratar enquanto tráfico de drogas e não pequeno comércio varejista, pois muitos de nossos interlocutores relatam desta forma a existência desse poder coercitivo que tensiona a realização dos giros das folias.

de ônibus. Estes “usos da cidade” (CERTEAU, 2011) demonstram o quão estruturadas e estabelecidas as máfias das vans estão pelo município, isso sem mencionar a forma como elas se organizam fiscalizando e coagindo a possível concorrência com outros transportes informais.

Retomando a análise de Das e Poole (2008), em meio às “margens do Estado”, não há, necessariamente, um abandono total do Estado, muito pelo contrário, é nestas zonas liminares que se criam alianças entre os representantes do poder público municipal e estadual com as máfias das vans. As denúncias constantes de ligações ilegais entre vereadores e as máfias fazem parte do cotidiano da cidade<sup>25</sup>. Antônio Rafael Barbosa aponta que “o tráfico enlaça o Estado cooptando alguns de seus principais operadores – policiais, carcereiros, deputados, juízes etc.” (BARBOSA, 2008, p. 3). Michel Agier também corrobora com essa perspectiva ao defender: “Mas sua precariedade é também política. Desse ponto de vista, qualquer antropologia das margens urbanas descobre o seu verdadeiro sentido numa antropologia às ‘margens do Estado’” (AGIER, 2010, p. 40). Em resumo, estas apropriações das “margens do Estado” são, na realidade, os usos políticos da cidade.

É dentro das brechas proporcionadas por esses usos públicos das “margens do Estado” que são operadas as “táticas” das máfias das vans, através do pagamento de propina aos setores de fiscalização e policiamento, tanto a nível municipal quanto estadual. Outra “tática” utilizada é aliar-se com representantes políticos e facções criminosas que disputam a hegemonia sobre os locais onde operam as trajetórias das vans.

No momento em que esta “rede de aliança” das máfias das vans se encontra constituída com seus próprios gestores, fiscalizadores e corpo de motoristas, ela toma forma de um corpus estruturado, como a noção de “estratégia”. Apropriamo-nos da categoria analítica de Michel de Certeau:

Chamo de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de força que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos e ameaças [...] (CERTEAU, 2011, p. 98).

Propomos operar com os conceitos de “estratégia” e “tática” sob a perspectiva dos “jogos de escalas” de Jacques Revel (1998), em que o autor sugere a possibilidade do

---

<sup>25</sup>Ver: <http://extra.globo.com/casos-de-policia/mafia-das-vans-de-sao-goncalo-tramou-morte-da-juiza-patricia-acioli-em-2009-2454297.html>. Visto em: 26/04/2023.

controle da pesquisa nas Ciências Sociais através do recorte da microanálise. Revel faz uma analogia com a máquina fotográfica, na qual poderíamos ampliar e diminuir o foco pela sua objetiva, explorando e compreendendo melhor o recorte social escolhido. A ideia dos dois autores permite a análise das relações sociais pela constante variação de foco micro e macro. Ou seja, para compreender melhor as relações sociais ocorridas neste recorte, propomos um “jogo de escalas” percebendo a formulação das “táticas” utilizadas pelos motoristas das vans e como estes processos de controle territorial se transformaram em “estratégias”. Não há como encarar as “estratégias” das máfias das vans como a de instituições hegemônicas, que operam nas “margens do Estado”, pois elas se estabelecem através de frágeis alianças com facções criminosas, que estão, a todo o momento, em disputa por controle territorial, além das pressões do Ministério Público em relação à fiscalização e apreensão de transportes informais pelas prefeituras municipais.

O importante aqui é compreender como os foliões e moradores dessas zonas periféricas utilizam “táticas” para se deslocarem em meio a territórios em constante disputa. Essas “táticas” não remetem apenas à praticada pelo mestre ao negociar com o motorista da van. O motorista também se insere nesta lógica da “prática do fraco” ao negociar com o mestre e “agir com astúcia” mediante a fiscalização “estratégica” da máfia. A rua e a cidade no período da madrugada são palco desses enquadres que podem ser percebidos através dos “jogos de escalas” que ora relacionam “estratégia” e “tática” entre Estado/“suas margens”; entre “margens do Estado”/máfia das vans; entre máfia das vans/motoristas; ora entre máfia das vans/moradores e foliões.

São lugares de trânsito que não podem ser classificados com um “lugar identitário, relacional e histórico”: Marc Augé classifica-os de “não-lugares”. As ruas que entrelaçam as zonas periféricas controladas pelo poder coercitivo das facções criminosas podem ser compreendidas como um “não lugar” quando:

[...] ele não existe sob uma forma pura; lugares se recompõem nele; relações se reconstituem nele; as ‘astúcias milenares’ da ‘invenção do cotidiano’ e das ‘artes de fazer’ das quais Michel de Certeau propôs análises sutis, podem abrir nele um caminho para si e aí desenvolver suas estratégias (AUGÉ, 2003, p. 74).

A negociação para realizar os giros da folia de reis em um ambiente urbano faz-se no território da rua, onde esse tipo informal de transação se torna muito comum. Como a rua é um lugar de trânsito, as transações realizadas nela não sofrem com um processo de vigilância austera. A rua torna-se um espaço para a ocorrência das “táticas”.

Mas é importante ressaltar que estas práticas de negociações “desviantes” (VELHO; KUSCHNIR, 2001) não afastam a realização dos giros de uma prática ritual de devoção aos santos. Se a folia de reis entra em um ciclo ritual liminar, ela também o faz em um espaço liminar que é o da casa e o da rua. É nele que ela se encontra sujeita às negociações com a informalidade do transporte público para a realização da sua missão sagrada, próprias das zonas liminares e marginais.

Dentro desta mesma perspectiva, Antônio Arantes colabora com métodos e análise sobre espaços urbanos comuns a diferentes camadas sociais. As ruas das cidades, neste aspecto, seriam zonas liminares pensadas através de seu caráter interestrutural: não classificável e culturalmente ambíguo. Arantes contribui para pensar o fluxo pelos territórios marginais como “zonas simbólicas de transição” entrecruzando, superpondo e justapondo os lugares sociais “como se formassem um grande mosaico” (ARANTES, 1997, p. 191).

#### Referências bibliográficas:

- AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações e movimentos*. São Paulo: Terceiro Nome, 2010. 213 p.
- AGUIAR, Camilla Fogaça. 2018. “*Deus abençoe São Gonçalo!*”: uma prefeita na linha de frente da guerra santa. Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- AGUIAR, Camilla Fogaça. “*Minha cabeça me salva ou me prende*”: povos de terreiro na guerra religiosa. Curitiba: Appris, 2022.
- ARANTES, Antônio. *A guerra dos lugares: sobre fronteiras simbólicas e liminaridades no espaço urbano*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro: IPHAN, p. 191-203, 1997.
- ASAD, Talal. ¿Dónde están los márgenes del Estado? In: *Cuadernos de Antropología Social*. Buenos Aires, n. 27, p. 53–62, 2008.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus/Travessia do Século, 2003. 111 p.
- BAHIA, Joana D’Arc. Prefácio. In: AGUIAR, Camilla Fogaça. “*Minha cabeça me salva ou me prende*”: povos de terreiro na guerra religiosa. Curitiba: Appris, 2022.
- BAHIA, Joana D’Arc; AGUIAR, Camilla; NOGUEIRA, Farlen. Marco Zero: Intolerância Religiosa, Resistências e Controvérsias no Campo Étnico-Religioso em São Gonçalo, Rio de Janeiro. In: TAVARES, Fátima (Org). *Dossiê Racismo Religioso, Cuidado e Comunidades Negras Tradicionais*. Revista OQ, Ano 5, Número 6, JANEIRO 2022. Disponível em: <https://kn.org.br/oq/2022/02/04/revista-oq-dossie-racismo-religioso-cuidado-e-comunidades-negras-tradicionais-ano-5-numero-6-janeiro-de-2022/>. Acesso em: julho de 2022
- BARBOSA, Antônio Carlos Rafael. O baile e a prisão: exame de dois espaços de

sociabilidade que respondem pela dinâmica segmentar do tráfico de drogas no Rio de Janeiro. In: *Reunião Brasileira De Antropologia*, 26, 2008, Porto Seguro. Anais da 26ª RBA. Porto Seguro: ABA, 2008. Não paginado.

BITTER, Daniel. *A bandeira e a máscara: a circulação de objetos rituais nas folias de reis*. Rio de Janeiro: 7Letras/Iphan/CNFCP, 2010. 191 p.

BROWN, Diana. Uma história da umbanda no Rio. *Cadernos do Iser*, Rio de Janeiro: Marco Zero, n. 18, p. 9-42, 1985.

CAMURÇA, Marcelo e RODRIGUES, Ozaias da Silva. O debate acerca das noções de “intolerância religiosa” e “racismo religioso” para a compreensão da violência contra as religiões afro-brasileiras. *Revista OQ*, n.6, jan. 2022

CASHMORE, Ellis. *Dicionário de Relações Étnicas e Raciais*. Tradução Dinah Kleve. São Paulo: Selo Negro, 2000.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1, artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2011. 306 p.

CHAVES, Wagner Neves Diniz. *Na jornada de santos reis: uma etnografia da folia de reis do mestre Tachico*. Rio de Janeiro, 2003. 143 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

CID, Gabriel da Silva Vidal. Notas sobre a religiosidade no imaginário da capoeira. *Revista Calundu*, v. 1, n.2, jul-dez 2017.

CORRÊA VIEIRA, R. C. Em busca de um conceito: o uso estratégico da categoria ‘povos e comunidades tradicionais’ na luta por direitos socioambientais. *InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais*, Brasília, v. 5, n. 1, p. 48–81, 2019. DOI: 10.26512/insurgencia.v5i1.28888. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/insurgencia/article/view/28888>. Acesso em: 19 jun. 2023.

COSTA, Viviane. *Traficantes evangélicos: quem são e a quem servem os bandidos de deus*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2023.

DAS, Veena; POOLE, Deborah. *El estado y sus márgenes: etnografías comparadas*. Cuadernos de Antropología Social, Buenos Aires: UBA, n. 27, p. 19-52, 2008.

GIUMBELLI, Emerson. Zélio de Moraes e as origens da umbanda no Rio de Janeiro. In: SILVA, Wagner G. (org.). *Caminhos da alma: memória afro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2002. p. 178-202.

GOMES, E. C. *A Era das catedrais da IURD: a autenticidade em exibição*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – PPCIS, UERJ, Rio de Janeiro, 2004.

HARTUNG, M. F. “Ser E não ser”, eis a questão: relatórios antropológicos, categorias nativas e Antropologia. *Revista de Antropologia*, [S. l.], v. 56, n. 2, p. 323-364, 2013. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.2013.82472. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/82472>. Acesso em: 19 jun. 2023.

MARIANO, R. *Expansão Pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal*. Estudos Avançados, São Paulo, v. 18, n. 52, set./dez. 2004.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003. 544 p.

MENEZES, Renata de Castro. *A dinâmica do sagrado: rituais, sociabilidade e santidade*

- em um convento do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2004. 283 p.
- MIRANDA, Ana Paula Mendes de. Entre o privado e o público: considerações sobre a (in)criminação da intolerância religiosa no Rio de Janeiro. *Anuário Antropológico*, n. 2, p. 125-152, 2010.
- MORAIS, Mariana Ramos de. “Povos e comunidades tradicionais de matriz africana” no combate ao “racismo religioso”: a presença afro-religiosa na Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 41, n 3: p.51-73, 2021.
- PEREIRA, Luzimar Paulo. *Os giros do sagrado: um estudo etnográfico sobre as folias em Urucuia*. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia Cultural) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de Escala: a experiência da microanálise*. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. 262 p.
- REINHARDT, Bruno M. N. *Espelho ante espelho: a troca e a guerra entre o neopentecostalismo e os cultos afro-brasileiros em Salvador*. Dissertação (Mestrado em Antropologia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- ROHDE, Bruno. Umbanda, uma religião que não nasceu: breves considerações sobre uma tendência dominante na interpretação do universo umbandista. *Rever*. Revista de Estudos da Religião, v. 9, p. 77-96, mar. 2009.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. Neopentecostalismo e Religiões Afro-Brasileiras: significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo. *Mana*, 13(1): 207-236, 2007.
- SIQUEIRA, José Jorge. Entre orfeu e xangô: a emergência de uma nova consciência sobre a questão do negro no Brasil (1944-1968), Rio de Janeiro, Pallas, 1997.
- SOUZA, Luiz Gustavo Mendel. “As folias de reis e suas peregrinações rituais por territórios liminares urbanos”. In: *Ponto Urbe*, 24, 2019.
- SOUZA, Luiz Gustavo Mendel. *Giros Urbanos: Uma etnografia da festa do arremate da folia de reis no estado do Rio de Janeiro*. Belo Horizonte: Ancestre, 2020.
- SOUZA, Luiz Gustavo Mendel. Devoção e resistência: as táticas dos anfitriões da Folia de Reis na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro. *Revista de Antropologia da USP*, v. 63, n. 3, 2020b.
- SOUZA, Luiz Gustavo Mendel. Real and cosmological danger in the tours (“giros”) of folia de reis. *Anales de Antropología*, v. 57, n. 1, 2023.
- VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Org.). *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- VITAL DA CUNHA, C. Ativismo negro e religioso. o caso da Frente Parlamentar de Terreiros no congresso Nacional Brasileiro. *Novos Estudos cebrap*, São Paulo, 2021, p. 243-259.